

CONTO

Assombrosamente maravilhoso

Lury Morais

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

m.luryhortencio@gmail.com

Quando eu era mais novo, minha mãe contava uma história de uma criança que morreu afogada na lagoa. Que saiu a nadar, nadar, nadar sem parar, até se afogar. Ela tinha medo que eu fizesse o mesmo, e desse medo me dizia essa historinha para eu nunca entrar demais na lagoa. Ficar só na beiradinha, catando as piabas. Eu era um menino muito teimoso, ela dizia, que sempre birrava por qualquer coisa. E era mesmo, eu era assim, quem não era, quem podia dominar a criança que foi? Mas da lagoa eu não podia passar, não. Era a regra que eu não quebrava. Também tinha medo de morrer afogado. Olhava a lagoa grande pra mim, como um mar, grande demais para uma cidade, com o olhar arregalado, de quem desconhece e treme de frio e medo.

Ela contava que a criança que se afogou era uma menina, uma menina que não obedecia ao pai; que o pai era pescador, e trazia o comer da lagoa para a beira, onde deixava a criança, e lá mesmo tratava e comia os peixes mais sua filha. A menininha ainda não sabia tratar, ficava curiando o pai rasgando os fatos e raspando as escamas. Não gostava, tinha nojo e fazia careta, fechando a cara e soltando a língua.

Mas houve um dia que o pai desatento deixou a filha na beira sem avisar o costume. Não proibiu a menina de entrar na lagoa aquele dia. A criança se calou desacostumada, desaprendida a não ouvir o não ir, e foi. Esperou o pai ao longe pegar os peixes e desceu. Adentrou devagar no mato agitado escondido e afundou os pés. Abaixou de cócoras e foi marchando devagar no caule da lagoa que não tinha findar. E desceu, desceu meio azul, meio clara o gosto da água na garganta. Não sabia acabar. Não sabia mais parar, infelizmente, não sabia nadar. A menina impedida agora de falar se calou e esperou o pai. E o homem remava a canoa, no movimento celeste fazia cachoeira ainda na ida, sem saber do chamado da filha. Remou também sem parar, sem perceber a menina que desconhecia o oblívio do futuro tragicamente adiantado.

Minha mãe sempre nessa hora parava a história, com uma voz comida de triste, parecia mãe da menina. Não era como eu que te conto dessa vez, ela sempre parava um pouquinho do tempo da história para fazer o ar entrar sem voz no peito. Fungava na brisa criada a expressão de seu pesar pelo choro infantil dentro d'água, como se parar a história fosse o minuto de silêncio por respeito à jovem. Eu me desconsolava um pouco também, não sou assim como tu pensa, sou bom também, e me comovia pela minha mãe, pela menina. Também respirava um pouco, mas sem olhar para minha mãe. Ela já olhava para a lagoa e eu acompanhava o apontar. Continuava a contar.

Contava que o pai percebera a falta de vista da menina, e desesperava de longe esse não saber. Minha mãe já chorava, a história tomava conta dela. E esse homem gritava, gritava e gritava. Eu de ouvir, já me encharcava d'água, do choro do homem, do choro de minha mãe, do choro daquela menina. Meu coração pesava insuportável do desamparo partilhado com aquele pobre coitado. Nem a terra da beirinha, nem as piabinhas conseguiram amparar o rastejar lamentável do miserável. Chorei a terrível das dores, foi-se uma criatura para longe da vida e para perto das águas. O pai perdeu uma filha e não pôde fazer nada, além de chorar.



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL0001-LURY

Recebido

14 de novembro de 2025

Aprovado

15 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Sidileide Batalha

Seus braços crescidos não encontravam nenhum corpo nas águas, nenhum cabelo na terra, nenhuma filha nos ares. A água escondeu de pena a menina. De pé o indivíduo se arrebatava por partes, estratificando o corpo em fileiras de braços que subiam até a cabeça. Como um corpo verde se agarrou à terra para nunca mais sair. E eu já via o homem muito torto arrepiar os braços querendo um pegar, amansando o vento, talvez este contasse o lugar da filha nas águas de alguma forma, porém nada pôde contar, nada pôde fazer além de esticar os dedos do homem. Aquela coisa grande e esticada não era mais pescador, mas o fruto de uma semente que robustou alta, como que incólume eram várias-várias que vibravam a brisa no balançar das mãos de agulha.

A energia vertiginosa nos consumia e eu vidrava na vista, avistava a centeneidade de talos cobrindo todo horizonte possível de terra meio molhada e molhada inteira. Agora eu compreendia, mãe, o que a senhora cantava tanto. O nosso que protege não voava longe lá no céu, ele é o que criou companhia por cima de nossas cabeças. Agora eu vejo, mãe, os da Providência nos observando desse alto deles, com esses olhos deles, com esses braços verdes de cabelo deles.

Agora quando chove muito no mato, as plantas vivem a gritar sem poder remar, vivem cantando por raios e a rodear a lagoa atrás de sua filhinha afogada. Vivem por ser o que são. Carnaubais.

Lury Morais

Nasceu em Apodi, no interior do Rio Grande do Norte (Brasil), em 2000. Graduado em Letras Língua Portuguesa. É escritor de verso e prosa. Produziu e lançou de maneira independente dois livros, *Noite Clara* (2024) e *Diário de um estudante* (2025). Idealizador e editor-chefe do periódico Carnaubais Revista de Literatura.